



**CENTRO DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA
ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL ETEC ADOLPHO BEREZIN
Curso Técnico em Enfermagem**

**Amanda Franco Guimarães
Julia de Queiroz Sanchez
Kelly Cristina Rocha
Laura Dias Nascimento
Michele Aparecida Menas Silva
Stela Ferreira Martins Rodrigues
Vanessa Vecci Marques**

**VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER
Acolhimento da Enfermagem com as vítimas de violência**

Mongaguá

2024

CENTRO DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL ETEC ADOLPHO BEREZIN

Curso Técnico em Enfermagem

Amanda Franco Guimarães

Julia de Queiroz Sanchez

Kelly Cristina Rocha

Laura Dias Nascimento

Michele Aparecida Menas Silva

Stela Ferreira Martins Rodrigues

Vanessa Vecci Marques

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Acolhimento da Enfermagem com as vítimas de violência

Planejamento do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Técnico em Enfermagem da Etec Adolpho Berezin, orientado pelo Prof. Gabriella T. L. L. e Silva, como requisito parcial para obtenção do título de técnico em Enfermagem.

Mongaguá

2024

Dedico esse trabalho a todas as mulheres que enfrentam a violência e, ao buscar ajuda, encontram a falta de acolhimento na enfermagem. É um chamado à reflexão sobre o papel fundamental da enfermagem na promoção do bem-estar emocional e físico das vítimas.

Que esta pesquisa inspire mudanças nas práticas de acolhimento, promovendo uma abordagem mais humana e sensível, onde cada profissional de enfermagem se torne um verdadeiro agente de transformação na vida das mulheres que atravessam momentos tão desafiadores.

Agradecemos primeiramente ao nosso grupo por não ter desistido diante das dificuldades e pela dedicação que todas demonstraram ao decorrer desta jornada. O comprometimento de cada um foi fundamental para o nosso sucesso.

Agradecemos à nossa orientadora Prof. Gabriella Seckler pelo apoio e pelas orientações, que foram de grande ajuda e contribuíram para o crescimento do grupo.

Agradecemos também à ativista Juliana, que nos proporcionou uma nova perspectiva sobre como realmente é a assistência de enfermagem com as vítimas de violência. A Investigadora Kátia da Delegacia da Mulher de Itanhaém, e a Delegada Dr. Izabela Coelho da

Delegacia da Mulher de Mongaguá, por nos mostrarem a importância que a assistência de enfermagem tem para as vítimas de violência.

Estamos determinadas a passar a diante o conhecimento adquirido, contribuindo assim para um atendimento mais humanizado e eficaz. A colaboração e o apoio de todos foram essenciais para o nosso aprendizado e desenvolvimento. Muito obrigada!

“A verdadeira medida da humanidade é
como ela trata aqueles que não podem fazer nada
por ela.”

Autor: Abraham Lincoln.

Resumo em língua nacional

Este trabalho aborda a temática da violência contra a mulher, destacando a importância do acolhimento realizado pela enfermagem. No entanto, observamos que as práticas atuais muitas vezes não são realizadas de forma adequada.

Durante a aplicação de questionário aos alunos do curso técnico em enfermagem da Etec Adolpho Berezin, percebemos uma falta significativa no conhecimento técnico e humanizado sobre o tema. Isso nos levou a reconhecer a necessidade de orientar os alunos sobre normas técnicas e práticas de acolhimento, destacando como essas abordagens pode fazer a diferença na vida dessas mulheres.

Palavras – chaves: Violência contra a mulher, Lei Maria da Penha, Acolhimento.

Resumo em língua estrangeira

This study addresses the theme of violence against women, highlighting the importance of nursing embracement. However, we observe that current practices are often not carried out properly.

During the application of a questionnaire to the students of the technical nursing course at Etec Adolpho Berezin, we noticed a significant lack of technical and humanized knowledge on the subject. This led us to recognize the need to guide students on technical standards and practices of reception, highlighting how these approaches can make a difference in the lives of these women.

Keywords: Violence against women, Maria da Penha Law, Reception.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
----------	-------------------------	----------

2	JUSTIFICATIVA.....	10
3	OBJETIVO.....	10
3.1	Geral	11
3.2	Específico	11
4	A LEI MARIA DA PENHA (LEI Nº 11.340/2006).....	11
4.1	Violência contra a mulher	12
5	TIPOS DE VIOLÊNCIA:.....	12
6	ACOLHIMENTO DA ENFERMAGEM.....	14
7	A IMPORTANCIA DO ACOLHIMENTO AS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA	14
8	PROTOCOLO DE ATENDIMENTO AS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DO GÊNERO FEMININO	15
8.1	Recepção e escuta ativa.....	15
8.2	Identificação de violência.....	15
8.3	Orientação e informação	15
8.4	Encaminhamentos	16
8.5	Registro e documentação	16
8.6	Acompanhamento	16
8.7	Capacitação da equipe	16
8.8	Articulação interinstitucional.....	16
8.9	Prevenção e educação	16
9	IMPORTANCIA DO PROTOCOLO.....	16
10	METODOLOGIA	17
11	RESULTADOS OBTIDOS	19
12	PLANO DE AÇÃO.....	35
12.1	Quiz educativo	35
12.2	Elaboração de cartilha informativa	35
12.3	Exibição de relatos e vídeos de vítimas reais.....	35
13	CONCLUSÃO.....	36
14	ANEXOS.....	39
15	REFERÊNCIAS.....	46

1 INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher é uma violação dos direitos humanos que pode ocorrer com diferentes classes sociais e culturais. De acordo com a Lei Maria da Penha (Lei 11.340, de 7 de agosto de 2006), Art. 7 parágrafo I, II, III, IV e V são os tipos de violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral.

Os profissionais tendem a compreender a violência doméstica como problemática, que diz respeito à esfera da Segurança pública e à Justiça, e não à assistência médica. D'OLIVEIRA & SCHRAIBER³ (1999).

Observaram que a maioria das disciplinas da saúde não contemplam em seus currículos e programas de educação continuada a formação e o treinamento dos aspectos relacionados com a violência. JARAMILLO & URIBE¹⁴ (2001).

A problemática apresentada é de extrema importância para a saúde pública e para a enfermagem, já que é ela que a mulher vítima de violência tem o seu primeiro contato em busca de um atendimento hospitalar, acolhedor e humanizado.

“O presente estudo demonstrou a importância do acolhimento de enfermagem à mulher vítima de violência, contudo evidenciou que os profissionais de enfermagem, no geral, ainda se encontra despreparada para atender de forma acolhedora e humanizada, deixando assim de garantir a saúde de forma integral”. (REV.SAÚDE.COM.2020).

A enfermagem tem um papel fundamental no acolhimento das vítimas de violência, proporcionando um atendimento humanizado e seguindo os protocolos de atendimento. Ao apoiar e orientar essas vítimas sobre os seus direitos, a enfermagem pode fazer uma diferença significativa em suas vidas. Esse apoio pode mudar a perspectiva de vida, incentivando – as a tomar iniciativa de denunciar e recomeçar uma vida melhor. Portanto, a enfermagem tem o dever de estar preparada e capacitada para identificar, avaliar, notificar e atender de forma acolhedora e humanizada.

2 JUSTIFICATIVA

A cada 6 horas 1 mulher é morta, e cada 7 minutos sofre algum tipo de violência.

Ao presenciar uma vítima desorientada nos corredores da UPA, que procurava informações sobre o que deveria ser feito após ser atendida no consultório médico, percebeu – se que ela não havia sido encaminhada para nenhum outro setor de forma clara e específica. Diante disso, a vítima abordava qualquer pessoa que passava por ela para pedir orientação sobre onde continuar o atendimento, mas a maioria das pessoas abordadas não sabia informar para onde deveria prosseguir.

Ao realizar nossa pesquisa no site do Ministério da Saúde, em artigos, leis e bibliografias, obtivemos informações de que existem técnicas e códigos de ética que não eram exercidos ou conhecidos pela maioria dos profissionais.

Segundo DATASUS no ano de 2023 foram registrados 630.604 casos de violência contra a mulher através da notificação do SINAN. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, INTERNET).

318.514 casos de violência doméstica, 56.958 de estupro e 5.263 de feminicídio.

De acordo com a investigadora da Delegacia de Defesa da Mulher do município de Itanhaém em 2024 número é de 973 casos de denúncia até o mês de novembro.

Diante da falta de empatia e humanização dos profissionais no acolhimento dessas vítimas, sentimos a necessidade de orientar os futuros profissionais do curso técnico de enfermagem sobre a importância do acolhimento humanizado com as vítimas de violência.

3 OBJETIVO

3.1 Geral

Conscientizamos os alunos do curso Técnico em Enfermagem referente ao acolhimento de mulheres vítimas de violência e como esses cuidados contribuem para o apoio emocional, físico e social.

3.2 Específico

Orientamos os alunos do curso Técnico em Enfermagem da Etec “Adolpho Berezin” sobre a importância de um atendimento humanizado seguindo protocolos para um atendimento eficiente.

4 A LEI MARIA DA PENHA (LEI N° 11.340/2006)

É uma legislação brasileira criada para combater a violência doméstica e familiar contra a mulher. Entrou em vigor em 2006 e recebeu esse nome em homenagem a Maria da Penha Maia Fernandes, uma mulher que sofreu duas tentativas de homicídio por parte de seu ex-marido e lutou por mais de 20 anos para que ele fosse condenado.

Essa lei representa um marco importante no enfrentamento a violência de gênero no Brasil e visa garantir maior segurança e apoio as mulheres em situações de risco.

4.1 Violência contra a mulher

Art. 5º Para os efeitos desta Lei, configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial: [\(Vide Lei complementar nº 150, de 2015\)](#). (Lei Maria da Penha nº 11.340/2006)

Isso significa que a violência pode assumir diferentes formas e não se restringe apenas a agressões físicas. O reconhecimento dessas várias formas de violência visa proteger a mulher de qualquer tipo de abuso que possa violar sua dignidade, integridade e direitos.

Pouco mais de 300 mil casos de violência contra a mulher foram registrados na Justiça brasileira em apenas cinco meses de 2024, mostram dados de Conselho Nacional de Justiça (CNJ). (Conselho Nacional de Justiça, 2024).

5 TIPOS DE VIOLÊNCIA:

A Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) estabelece cinco tipos de violência doméstica e familiar contra a mulher, descritos a seguir:

I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação; [\(Redação dada pela Lei nº 13.772, de 2018\)](#)

III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

Esses tipos de violência têm como objetivo de abarcar as diferentes formas de abuso que podem ocorrer no âmbito doméstico e familiar, garantindo proteção legal e suporte às vítimas de violência de gênero.

“A violência contra a mulher é uma violação dos direitos humanos e uma expressão da desigualdade de gênero, que perpetua a opressão e a submissão das mulheres em todas as sociedades.” (ONU, 2015).

6 ACOLHIMENTO DA ENFERMAGEM

“O acolhimento é uma estratégia de atendimento que visa garantir a qualidade do serviço de saúde, promovendo a escuta ativa e a valorização do usuário, com o objetivo de estabelecer uma relação de confiança e cuidado” (BRASIL, 2008).

“A ideia de acolhimento nos serviços de saúde já se acumula uma farta experiência em diversos serviços de saúde do SUS. Tal experiência é heterogênea como o próprio SUS e tem acúmulos positivos e negativos. Reconhecer essa longa trajetória, ao falar do acolhimento, significa, por um lado, reconhecer que grande parte do que sabemos hoje se deve a esse acúmulo prático, mas também, por outro lado, é preciso esclarecer a ‘qual’ acolhimento estamos nos referindo, já que algumas dessas experiências inscreveram o acolhimento numa atitude voluntária de bondade e favor, por parte de alguns profissionais, e deram ao nome ‘acolhimento’ alguns significados dos quais não compartilhamos. Tradicionalmente, a noção de acolhimento no campo da saúde tem sido identificada: ora como uma ação de triagem administrativa e repasse de encaminhamentos para serviços especializados” (BRASIL, 2008).

De acordo com Ferreira (1975, apud MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2010): “acolher é dar acolhida, admitir, aceitar, dar ouvidos, dar crédito a agasalhar, receber, atender, admitir”.

7 A IMPORTANCIA DO ACOLHIMENTO AS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA

“A violência contra a mulher é um problema que vem sendo abordado já há algum tempo e é caracterizado como um problema de saúde pública, porém alguns

profissionais de saúde acreditam ser apenas um problema de caráter social e jurídico, fechando os olhos nessa questão, atendendo assim, apenas a parte física da situação em questão” (NASCIMENTO, 2020, p.1).

O acolhimento às vítimas de violência é essencial para o tratamento, promovendo a melhora do estado emocional e físico das mulheres afetadas. Essa prática é fundamental para que as vítimas compreendam que não estão sozinhas em suas situações de vulnerabilidade. O acolhimento proporciona um espaço seguro, onde as mulheres podem expressar suas dores e angústias, favorecendo a recuperação e a reestruturação de suas vidas.

8 PROTOCOLO DE ATENDIMENTO AS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DO GÊNERO FEMININO

O protocolo de atendimento às vítimas de violência contra a mulher é um conjunto de diretrizes e procedimentos que visam garantir um atendimento humanizado, respeitoso e eficaz às mulheres que sofreram violência. Esses protocolos são geralmente elaborados por órgãos governamentais e instituições que lidam com questões de gêneros, saúde, segurança pública e assistência social.

8.1 Recepção e escuta ativa

Garantir um ambiente acolhedor e seguro para a vítima.

Ouvir de forma atenta, respeitando seu tempo e suas emoções.

8.2 Identificação de violência

Identificar o tipo de violência (física, psicológica, sexual, patrimonial ou moral) e a gravidade da situação.

Utilizar instrumentos de triagem, se necessário, para classificar a situação.

8.3 Orientação e informação

Informar a vítima sobre seus direitos e as opções de apoio disponível.

Explicar os procedimentos legais e os recursos que podem ser acionados.

8.4 Encaminhamentos

Oferecer encaminhamentos para serviços de saúde, assistência social, psicológica e segurança conforme a necessidade da vítima.

Facilitar o acesso a abrigos ou serviços de proteção, se necessário.

8.5 Registro e documentação

Realizar o registro adequado do atendimento, garantindo a confidencialidade das informações.

Documentar a situação de forma detalhada para subsidiar possíveis medidas legais.

8.6 Acompanhamento

Propor um acompanhamento regular para verificar a segurança e o bem-estar da vítima.

Estabelecer uma rede de apoio que inclua familiares, amigos e serviços sociais.

8.7 Capacitação da equipe

Promover a capacitação contínua dos profissionais que atendem as vítimas, abordando questões de gênero, empatia e ética no atendimento.

8.8 Articulação interinstitucional

Garantir a articulação entre diferentes serviços e instituições (saúde, justiça, segurança) para um atendimento integrado.

8.9 Prevenção e educação

Implementar ações de prevenção e sensibilização sobre violência de gênero, visando à mudança de comportamento e à educação da sociedade.

Implementar ações de prevenção e sensibilização sobre violência de gênero, visando à mudança de comportamento e à educação da sociedade.

9 IMPORTANCIA DO PROTOCOLO

Esses protocolos são fundamentais para assegurar que as vítimas de violência recebam o suporte necessário, promovendo não apenas a proteção, mas também a recuperação emocional e física. Além disso, contribuem para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde a violência contra a mulher é efetivamente combatida.

10 METODOLOGIA

Para avaliar o nível de conhecimento dos alunos sobre violência contra a mulher, acolhimento e as normas técnicas do ambiente hospitalar, utilizamos uma abordagem mista: Questionário quantitativo que desenvolvemos com 15 questões, distribuídas em 6 questões sobre tipos de violência, 8 sobre normas e protocolos e 1 questão aberta para opinião pessoal. Após isso nosso grupo se dividiu entre manhã e tarde para fazer a aplicação do questionário, obtivemos resistência dos alunos para que respondessem o questionário, foi necessário a cobrança através dos representantes de sala via WhatsApp e o grupo esteve presencialmente nas salas para pedir que respondessem. (Apêndice A ao Apêndice E).

Entrevistas qualitativas com 06 convidadas entre elas 5 mulheres vítimas de violência, que compartilharam suas experiências pessoais sobre violência contra a mulher e como foi o acolhimento hospitalar que receberam. A sexta entrevista foi realizada com a investigadora da

Delegacia da Mulher, que compartilhou conhecimentos sobre as normas a serem seguidas tanto por cidadãos quanto por profissionais. (Apêndice F ao Apêndice G).

As entrevistas permitiram obter uma visão mais profunda e pessoal sobre o tema, evidenciando a falta de acolhimento e a importância de entender para acolher.

No 1º Semestre de 2025, realizamos uma visita à Delegacia da Mulher de Mongaguá, onde conhecemos a Delegada Dr. Izabela Coelho e sua equipe. Ela nos forneceu orientações e dados sobre violência na região, compartilhando informações sobre casos registrados na delegacia. Aproveitamos a oportunidade para convidá-la a palestrar na Etec Adolpho Berezin durante a Semana da Mulher, voltada aos alunos do Curso Técnico em Enfermagem.

No dia 12 de março, a Delegada Dr. Izabela Coelho esteve na Etec e ministrou uma palestra sobre 'Lesões de Interesse Médico-Legal em Crimes de Violência Contra a Mulher'. Durante sua fala, relatou casos comuns no dia a dia da delegacia e explicou sobre os diferentes tipos de hematomas e como identificá-los. Destacou que até mesmo um simples arranhão pode ser um indicativo de algo mais grave e merece atenção.

Os alunos do 2º, 3º e 4º módulos do Técnico em Enfermagem acompanharam a palestra com bastante interesse. Alguns participaram ativamente, fazendo perguntas e interagindo com a delegada. Foi um momento de grande aprendizado contribuindo para a formação dos futuros profissionais da área. (Apêndice H ao Apêndice I).

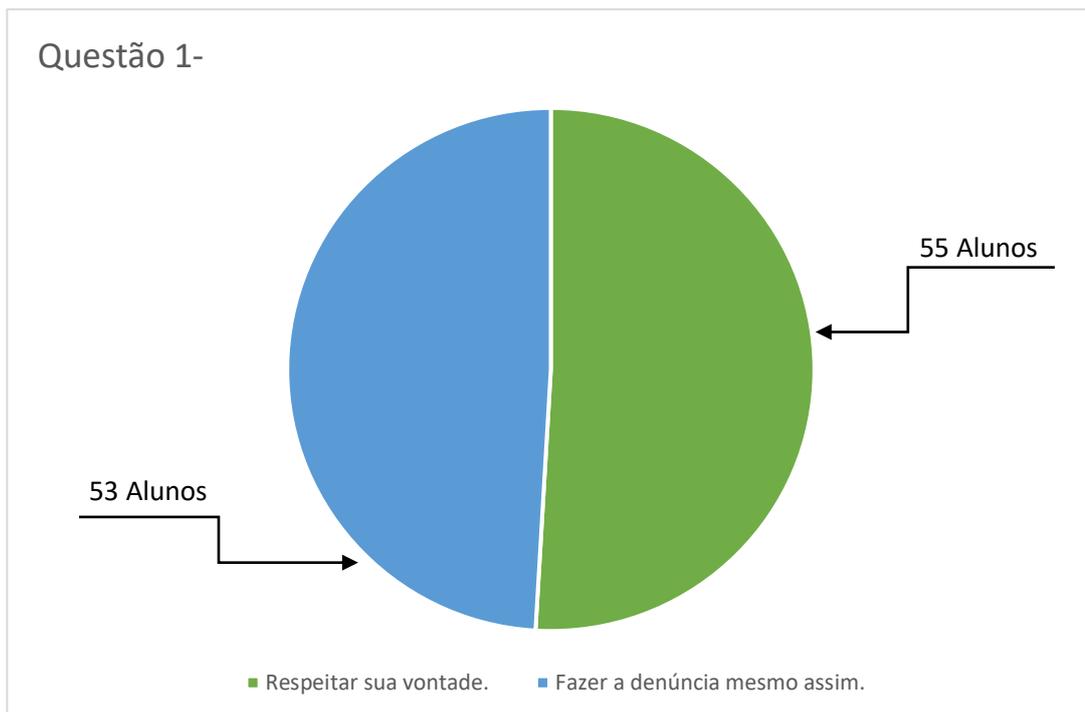
Nos dias 10 e 28 de abril, tivemos uma Roda de Conversa com os alunos do 1º, 2º, 3º e 4º módulo do curso técnico de enfermagem, onde levamos informações sobre a cartilha que elaboramos e os tipos de violência, exibimos um vídeo da ativista Juliana relatando como foi o seu atendimento quando foi vítima de violência doméstica, e um vídeo da investigadora Kátia da Delegacia da Mulher de Itanhaém orientado como deve ser a conduta de um profissional da saúde diante de uma vítima de violência doméstica, foi um bate papo de forma clara e descontraída com a dinâmica das perguntas e respostas, esclarecimentos de leis, exibição da cartilha e da notificação compulsória, os alunos interagiram com perguntas e participação na dinâmica. (Apêndice K ao Apêndice N).

11 RESULTADOS OBTIDOS

11.1 QUESTIONÁRIO

Os resultados do questionário realizado com os alunos de auxiliar/técnico em enfermagem e especialização da ETEC Adolpho Berezin revelaram a importância de abordar essa problemática. Um total de 108 alunos participou do estudo fornecendo dados valiosos para a análise.

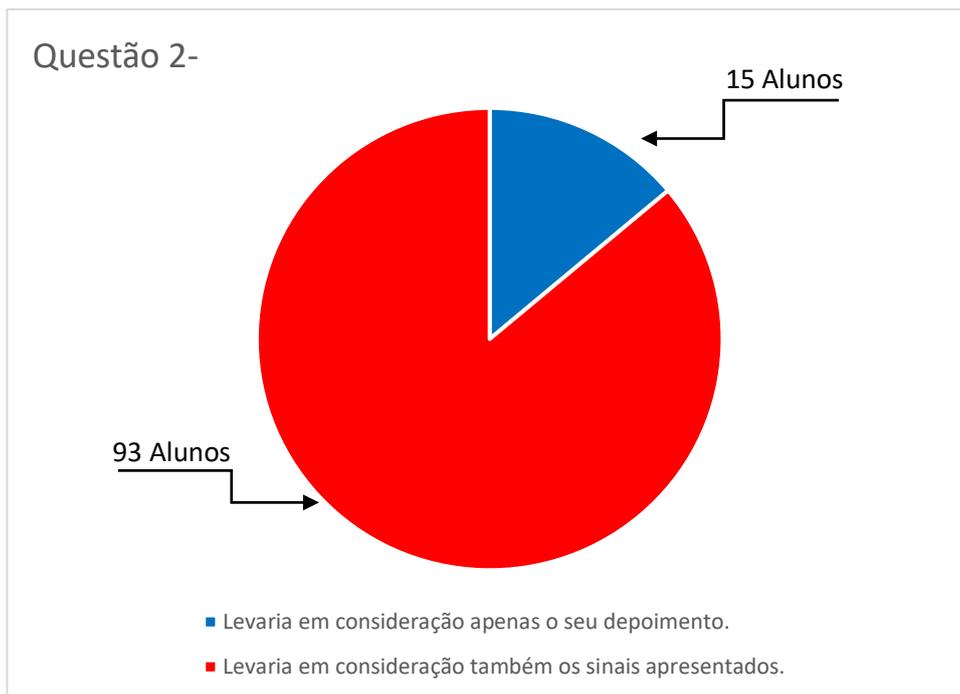
Gráfico 1- Questão: O que fazer se a mulher não quiser fazer uma denúncia?



Fonte: Dos próprios autores, 2024.

Após a aplicação do questionário, observou-se que 55 alunos não souberam identificar o tipo de violência que a vítima sofre. Essa evidência ressalta uma preocupação significativa em relação à formação e à conscientização dos alunos.

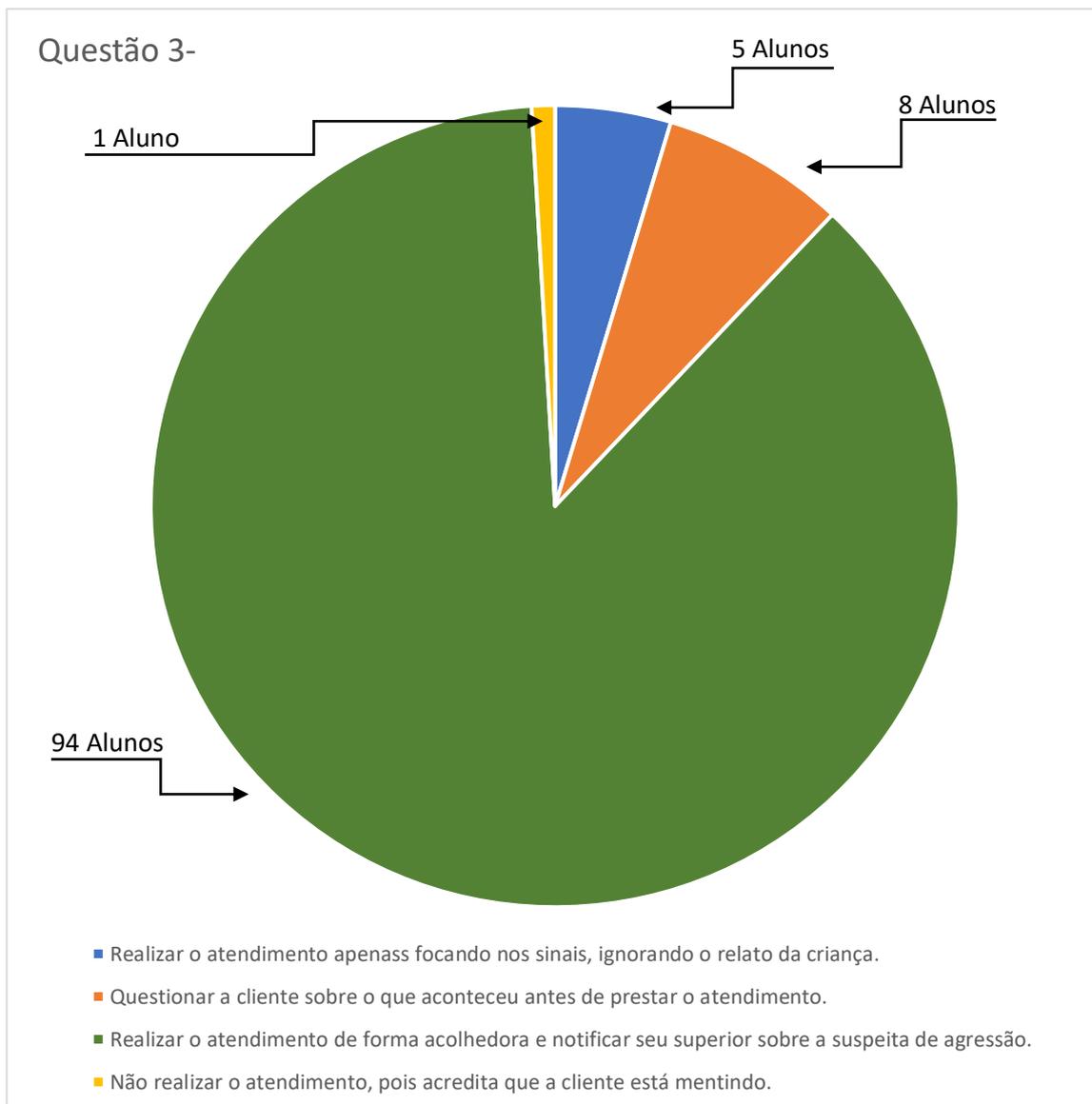
Gráfico 2 – Questão: A mulher nega que foi agredida e relata que apenas caiu da escada. Como profissional, você levaria em consideração o relato da paciente ou dos sinais apresentados?



Fonte: Dos próprios autores, 2024.

Observamos que, entre os alunos, 93 demonstraram que um atendimento eficaz deve considerar uma visão holística da vítima, levando em conta os sinais apresentados.

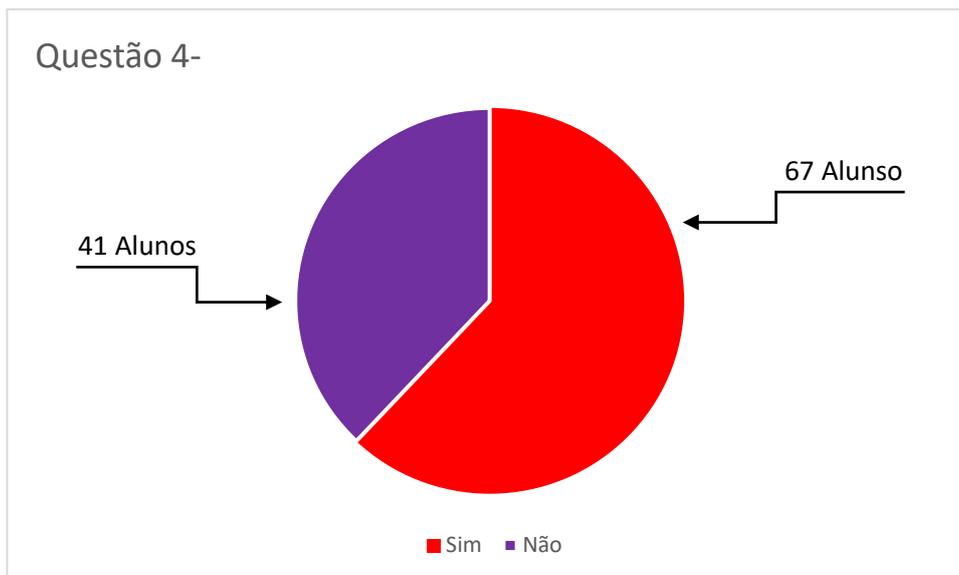
Gráfico 3 – Questão: A cliente chega na UPA com equimose na face, costelas e edemas em MMSS, alegando que escorregou da escada, porém está acompanhada de seu filho de 4 anos que contradiz, afirmando que a mãe apanhou de seu pai. Qual seria a sua conduta?



Fonte: Dos próprios autores, 2024.

Nos resultados obtidos, 94 alunos acertaram ao escolher “Realizar o atendimento de forma acolhedora e notificar seu superior sobre a suspeita de agressão”. No entanto, 8 alunos optaram por questionar a cliente antes do atendimento, 5 focaram apenas nos sinais ignorando o relato da criança, 1 não atenderia por acreditar que a cliente estaria mentindo. Esses resultados mostram a necessidade de melhorar a formação em empatia.

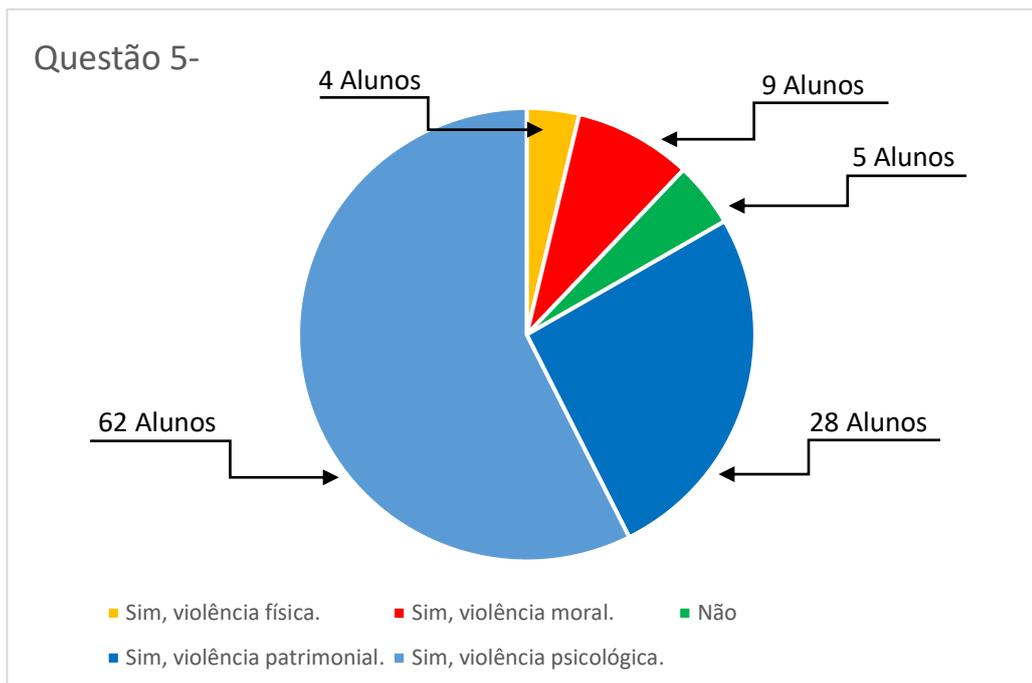
Gráfico 4 – Questão: Uma gestante chega à UBS para sua primeira consulta pré-natal. Ao ser questionada se a gravidez foi planejada, ela relata que não desejava esta gestação, porém não usa contraceptivos porque seu companheiro tem o sonho de ter uma família grande. Para você, essa situação se enquadra como violência?



Fonte: Dos próprios autores, 2024.

Nos resultados obtidos, 67 alunos compreendem a questão apresentada como violência, enquanto 41 alunos não compartilham da mesma opinião. Essa diferença é preocupante, pois indica que esses alunos podem não estar cientes dos diferentes tipos de violência e, conseqüentemente, têm dificuldades em identificá-la.

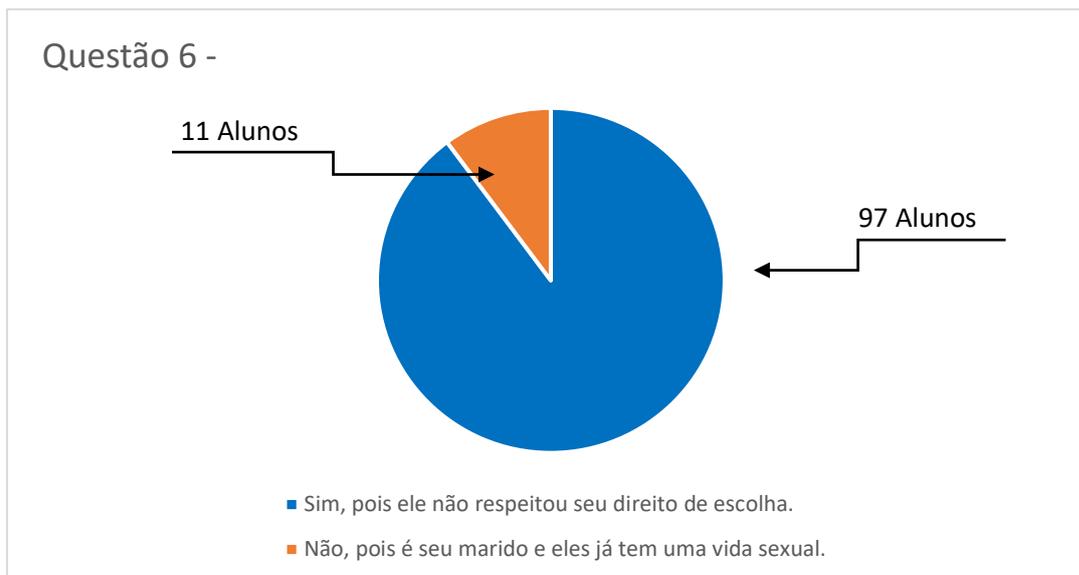
Gráfico 5 - Questão: A cliente chega à recepção da UBS para sua consulta sem os documentos, alegando que o companheiro não a deixa sair com eles, pois tem medo de que ela retorne para sua cidade natal. Para você, ela sofre algum tipo de violência?



Fonte: Dos próprios autores, 2024.

Observamos que 28 alunos responderam corretamente o tipo de violência abordado na questão apresentada. Mas 80 alunos não souberam identificar o tipo de violência, isso indica uma necessidade urgente de educação e conscientização sobre os tipos de violência.

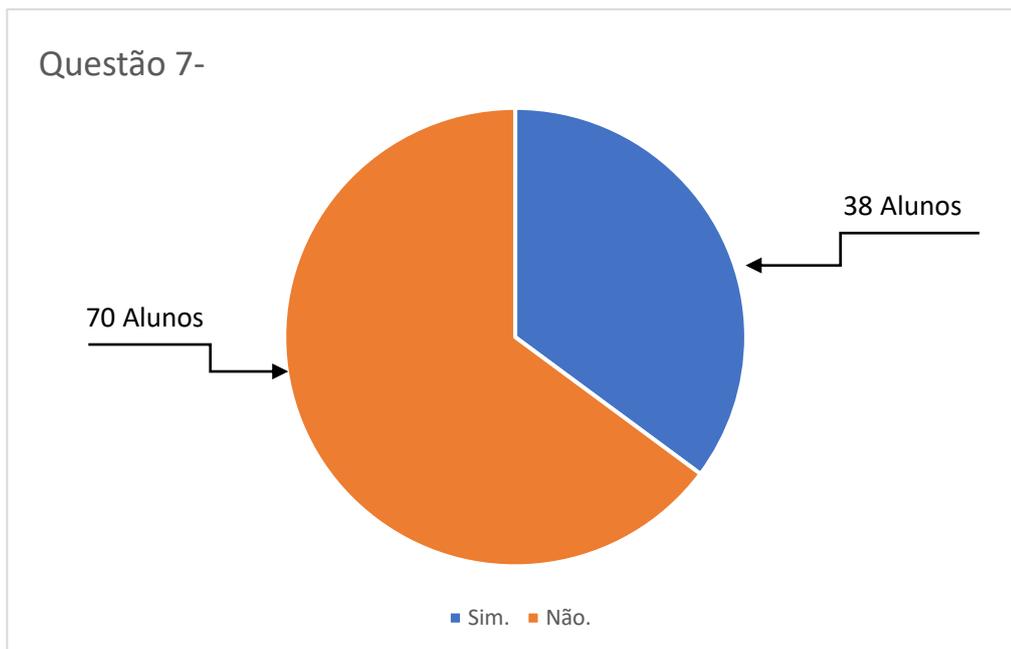
Gráfico 6 – Questão: Uma mulher sempre fez uso de preservativo, mas uma noite ela acorda sendo penetrada pelo companheiro sem preservativo. Ela pede para ele parar, mas ele só para depois de ejacular. Isso se enquadra como violência sexual?



Fonte: Dos próprios autores, 2024.

Nos resultados obtidos, 97 alunos responderam corretamente a questão apresentada, mas apesar da maioria reconhecer que a situação como violência, a resposta de 11 alunos revela uma preocupação com falhas na compreensão sobre consentimento e violência sexual.

Gráfico 7 - Questão: Você conhece o POP de violência contra à mulher?

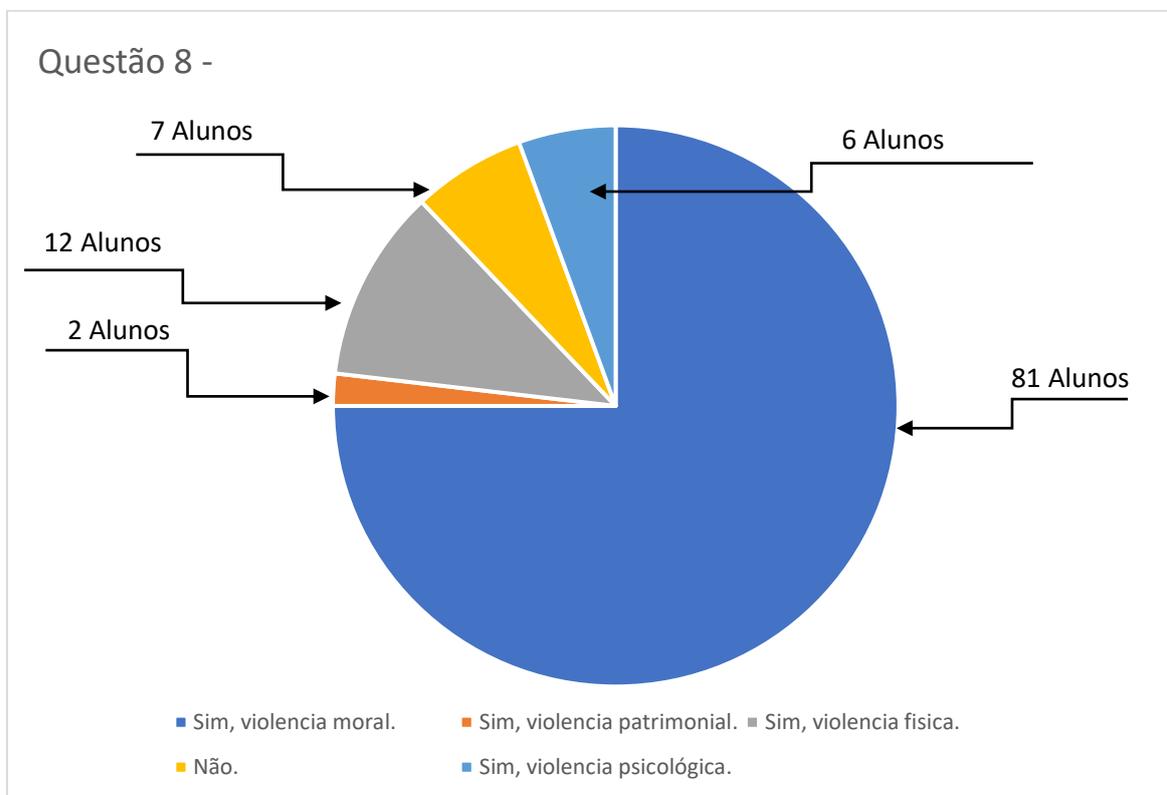


Fonte: Dos próprios autores, 2024.

Constatamos que 70 alunos afirmaram não conhecer o POP, uma falha significativa no conhecimento sobre as práticas essenciais no atendimento à saúde.

Gráfico 8 – Questão: Você está almoçando no refeitório e ouve seus colegas comentarem sobre um caso no plantão de uma vítima de estupro. Os comentários são:

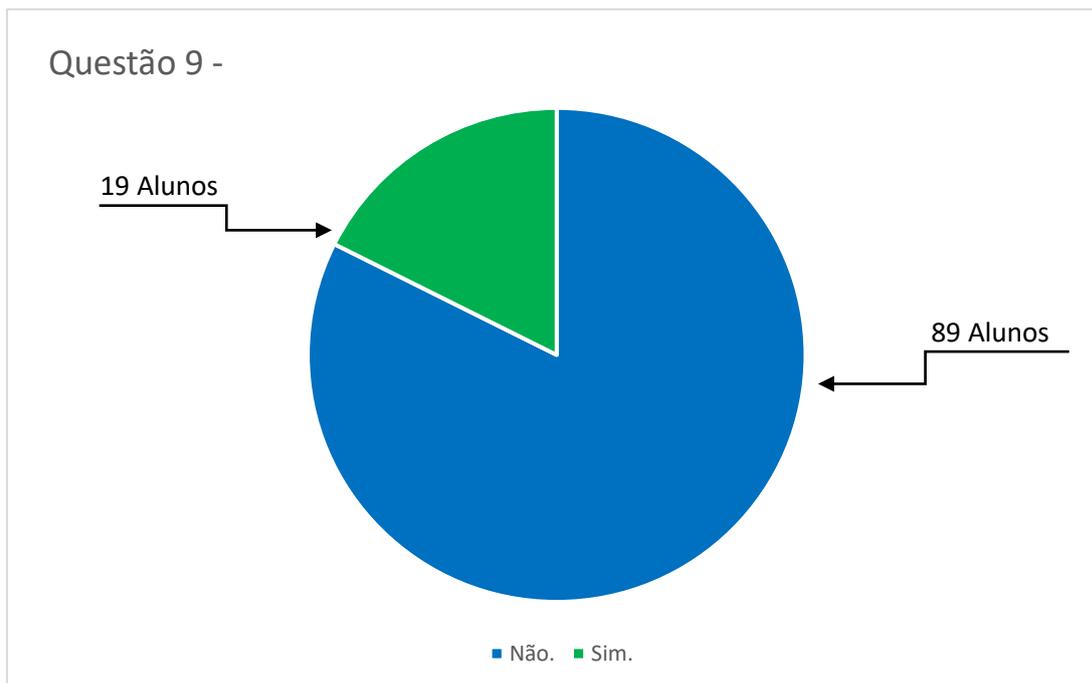
“Ela estava bêbada e com o vestido super curto, então ela estava pedindo”. Esses comentários se enquadram como violência?



Fonte: Dos próprios autores, 2024.

Apesar dos resultados obtidos, em que 81 alunos responderam corretamente à questão apresentada, a resposta de 21 alunos revela uma preocupação em relação à identificação da violência. Isso evidencia a importância do conhecimento sobre os diferentes tipos de violência.

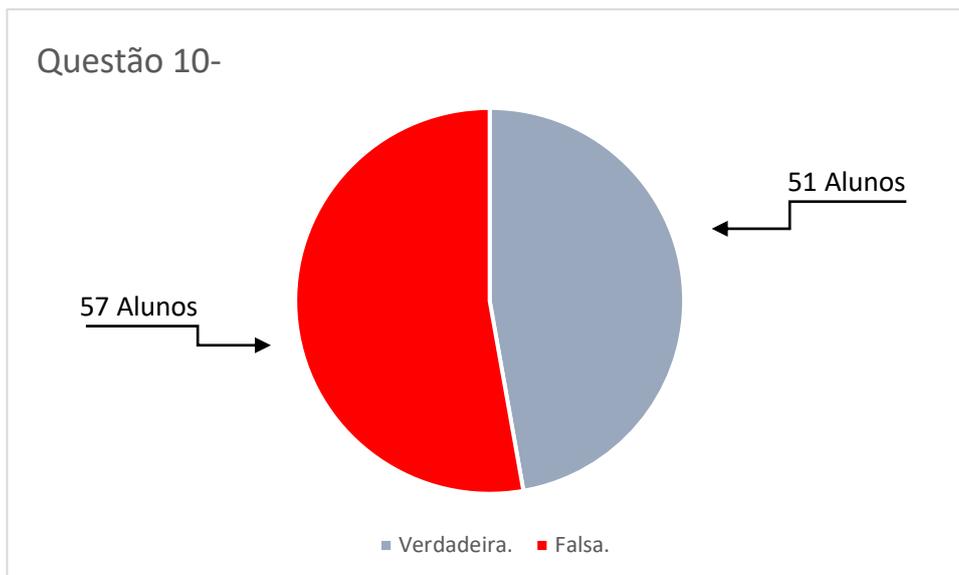
Gráfico 9 – Questão: Você acha correto a vítima ser questionada a todo o momento sobre o ocorrido durante o atendimento?



Fonte: Dos próprios autores, 2024.

Com os resultados obtidos, percebemos que 89 alunos têm o entendimento correto de que não é aceitável questionar a vítima repetidamente sobre o ocorrido durante o atendimento, mas ainda assim 19 alunos optaram pela alternativa “sim”, o que indica uma falta de empatia e entendimento por parte dos alunos sobre a revitimização e a importância de um atendimento acolhedor.

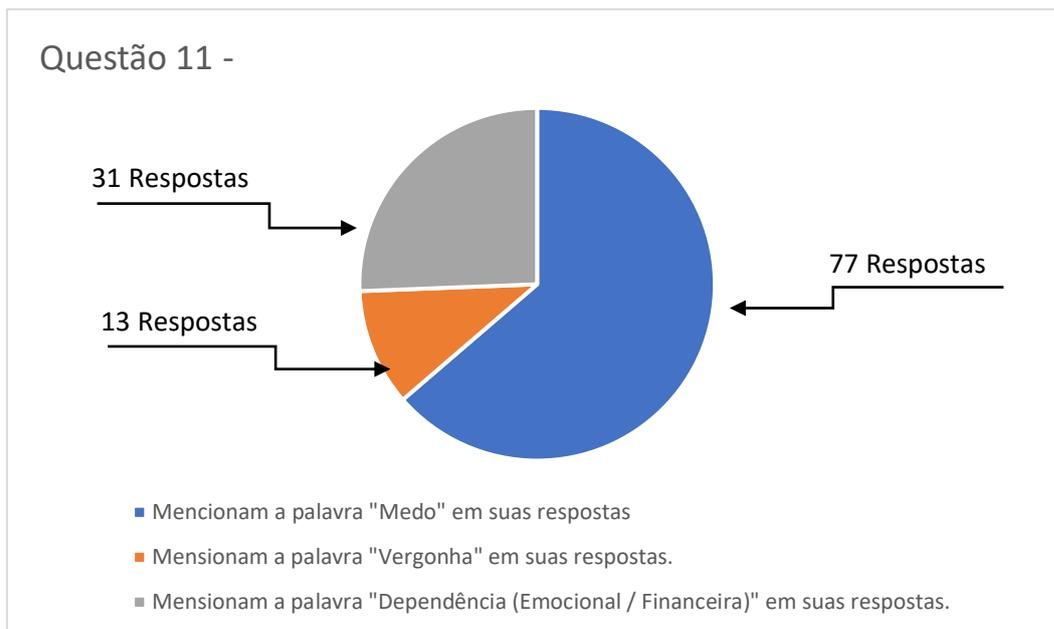
Gráfico 10 - Questão: Após o atendimento no consultório médico, a vítima é encaminhada para internação. Essa afirmativa é:



Fonte: Dos próprios autores, 2024.

Nos dados obtidos percebeu-se que 57 alunos não tem o conhecimento sobre os protocolos de atendimento.

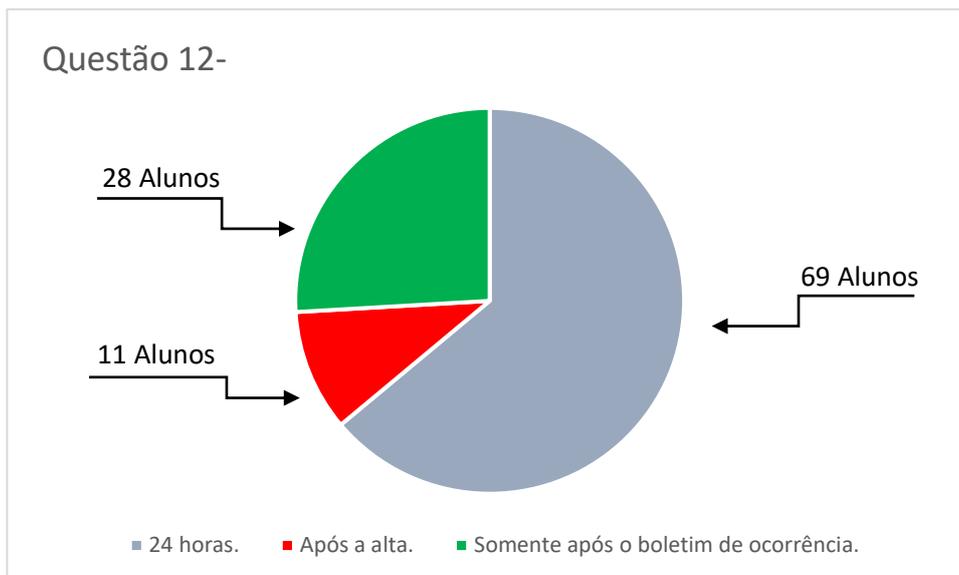
Gráfico 11 – Questão: Na sua opinião, por que a mulher não conta que está sofrendo violência?



Fonte: Dos próprios autores, 2024.

No questionário, incluímos uma questão aberta para que os alunos pudessem expressar suas opiniões sobre os motivos pelos quais as vítimas não revelam que sofrem violência. Os resultados mostram que 77 respostas mencionaram a palavra “medo”, indicando que essa é uma das principais barreiras para a denúncia. Além disso, 31 respostas destacaram a dependência em relação ao agressor como um fator que impede a vítima de buscar ajuda. E 13 respostas mencionaram a palavra “vergonha”, indicando que a vítima tem vergonha de dizer que sofre violência. Esses dados evidenciam a importância de acolher e ouvir as vítimas de forma assertiva. Fundamental que o medo, a dependência e a vergonha não sejam obstáculos para que elas possam buscar o apoio necessário.

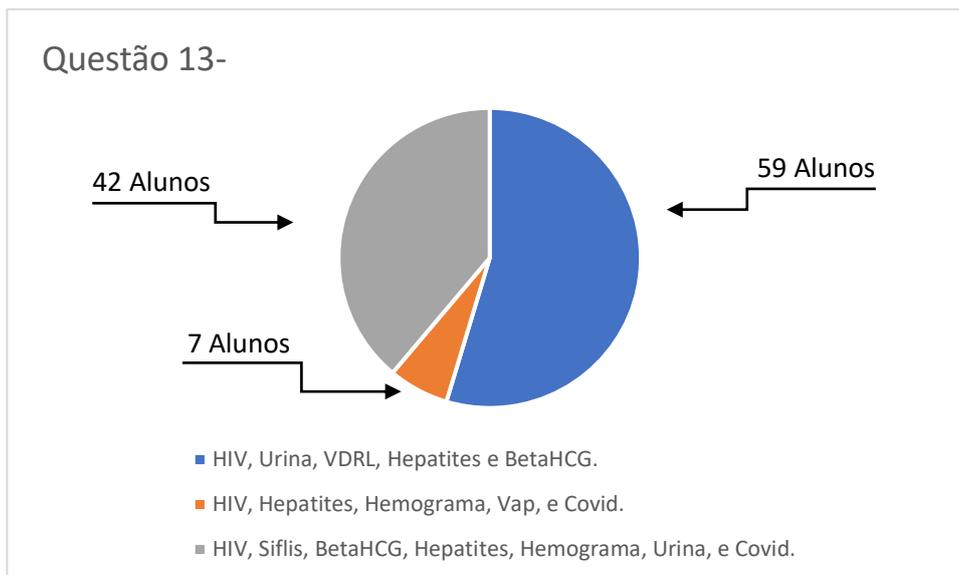
Gráfico 12 - Questão: Para uma vítima de violência é preenchida uma notificação compulsória que deve ser feita em:



Fonte: Dos próprios autores, 2024.

Nos resultados obtidos, observou-se que 80 alunos responderam corretamente à questão sobre a notificação compulsória. No entanto, 28 alunos afirmaram incorretamente que a notificação deve ser feita após o boletim de ocorrência. Essa discrepância revela uma falta de conhecimento dos alunos sobre os procedimentos corretos relacionados à notificação compulsória.

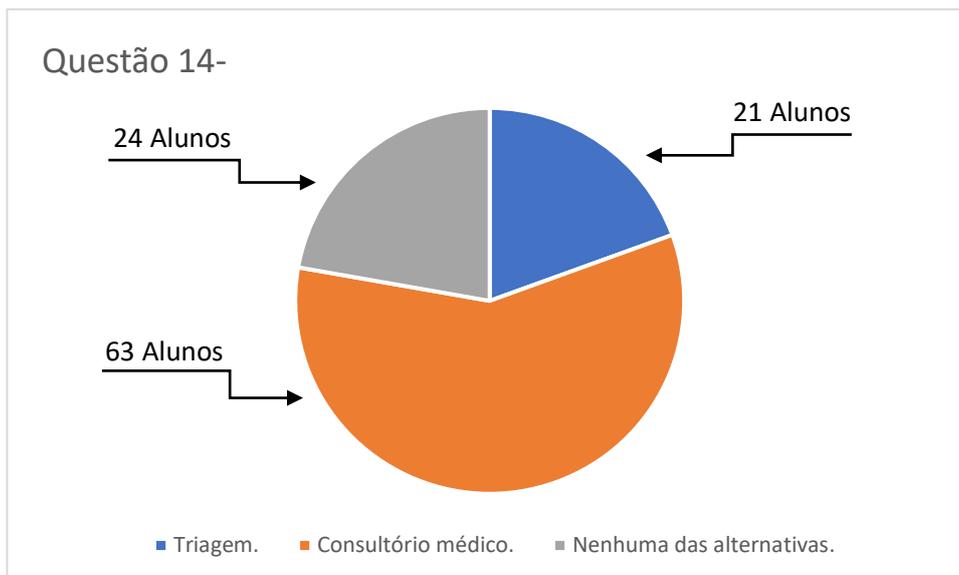
Gráfico 13 - Questão: Uma vítima de violência sexual realiza exames incluídos no kit de estupro. Entre esses exames estão:



Fonte: Dos próprios autores, 2024.

Percebe-se que novamente 66 alunos não tem o conhecimento sobre o protocolo e nem do kit de estupro.

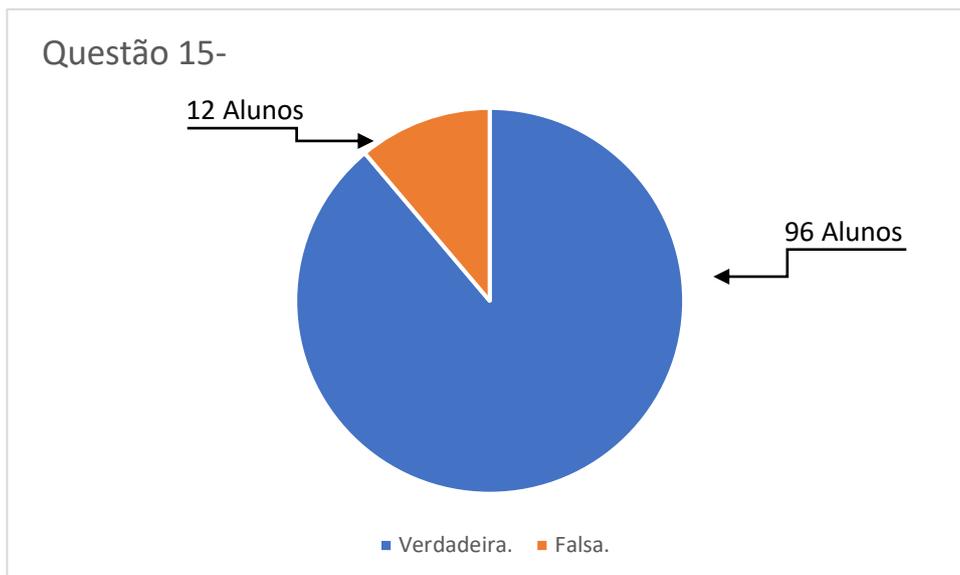
Gráfico 14 - Questão: O POP para a violência muda de acordo com o atendimento que está recebendo. Por exemplo, o da triagem é diferente do consultório médico. Baseado nisto, em qual atendimento a vítima seria encaminhada para a internação?



Fonte: Dos próprios autores, 2024.

Os dados apresentados são bastante preocupantes. Apenas 24 alunos, o que representa a minoria, responderam corretamente à questão apresentada. Mas 84 alunos erraram a questão, indicando uma falta de conhecimento sobre POP.

Gráfico 15 - Questão: POP é Protocolo Orientador do Pronto Socorro. De acordo com ele, a vítima deve ser atendida de forma prioritária. Essa afirmação está:



Fonte: Dos próprios autores, 2024.

Percebemos que 96 alunos não sabem o significado da sigla POP, no entanto não sabem o que é ou para que serve.

11.2 RODA DE CONVERSA

Obtivemos resultados positivos com a execução da Roda de conversa realizada com os alunos do 3º módulo que contou com a presença de 13 alunos, que participaram de forma ativa e colaborativa. Houve um excelente envolvimento nas dinâmicas desenvolvidas, especialmente no debate em torno do questionário aplicado, no qual os alunos obtiveram 3 acertos em um total de 5 questões relacionadas aos Tipos de Violência. Durante o encontro, foram esclarecidas dúvidas relevantes, com ênfase na Violência Doméstica, e destacou-se a importância do acolhimento por parte da Enfermagem como ferramenta essencial na escuta qualificada e no suporte às vítimas. Além disso, houve espaço para o compartilhamento de experiências e vivências pessoais, o que enriqueceu significativamente a discussão.

A Roda de Conversa realizada com o 2º módulo também foi bastante produtiva, reunindo 26 alunos que demonstraram interesse ao longo da atividade ao longo da atividade. O desempenho no questionário foi satisfatório, com média de 3 acertos em 5 questões. As discussões foram aprofundadas, abordando os Tipos de Violência, a Violência Doméstica, a legislação vigente e o papel da enfermagem diante dessas situações. Ressaltou-se, ainda, a relevância do acolhimento humanizado como parte fundamental da prática profissional, promovendo segurança, empatia e apoio às vítimas. Também foi oportunizado um momento para relatos pessoais, favorecendo a troca de saberes e fortalecendo a reflexão crítica sobre o tema.

Encerramos nosso Plano de Ação com a Roda de Conversa com o 1º módulo, que contou com a presença de 28 alunos. Apesar de estarem em fase inicial do curso, os alunos demonstraram grande interesse e participação efetiva. O questionário aplicado resultou em média de 2 acertos em 5 questões, o que reforça o potencial de aprendizagem do grupo. O encontro foi marcado por questionamentos pertinentes, esclarecimento de dúvidas e o compartilhamento de vivências. Reforçamos, nesse momento, o papel da enfermagem no acolhimento humanizado e responsável, valorizando a escuta e o cuidado integral como pilares no atendimento a vítimas de violência.

12 CONCLUSÃO

A violência contra a mulher é um grave problema de saúde pública que afeta milhões de mulheres. Nesse contexto, a enfermagem tem um papel crucial no acolhimento e cuidado das vítimas de violência.

A palestra da delegada e a cartilha elaborada foram fundamentais para obter bons resultados da roda de conversa, destacando a importância de identificar os diferentes tipos de violência, conhecer os protocolos que devem ser seguidos, e saber lidar tanto com a situação quanto com a vítima. Observamos que os alunos absorveram as informações apresentadas de maneira adequada, foram participativos e compartilharam suas experiências.

Além disso, essa atividade contribuiu para refletir sobre nossa futura prática profissional e reforçou a importância de sermos empáticos e de estarmos preparados para lidar com essas situações.

13 REFERÊNCIAS

ACOSTA, Daniele Ferreira et al. Representações sociais de enfermeiras acerca da violência doméstica contra a mulher: estudo com abordagem estrutural. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. n. 6, p. 01-08, maio. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/94ydx8ZRYjZNGc6c83CN9Gx/>. Acesso em: 17 set. 2024.

ALVES, Marília Lima et al. Violência contra a mulher e o papel da enfermagem no acolhimento das vítimas. **Editora Científica Digital**, v. 1, n. 4, p. 01-11, 2022. Disponível em: [220307998.pdf](https://www.editoracientificadigital.com.br/220307998.pdf). Acesso em: 20 set. 2024.

BANDEIRA, Regina. Violência patrimonial: a face pouco conhecida da violência doméstica - **Portal CNJ. Agência de CNJ de Notícias**, dezembro de 2023. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/violencia-patrimonial-a-face-pouco-conhecida-da-violencia-domestica/#:~:text=A%20Lei%20Maria%20da%20Penha,ou%20recursos%20economicos%20da%20vítima>. Acesso em: 18 set. 2024.

BRASIL. **Lei Orgânica da Saúde nº 14847, de 19 de setembro de 1990**. LEI Nº 14.847, DE 25 DE ABRIL DE 2024. Disponível em: <https://normas.leg.br/?urn=urn:lex:br:federal:lei:2024-04-26;14847>. Acesso em: 17 set. 2024.

CASTRO, Ana Lúcia Corrêa e et al. Manual para Atendimento às vítimas de violência na rede de saúde pública do DF. **Secretaria de estado de saúde do Distrito Federal**, n. 9 - 10 - 26, p. 01-68, 2008. Disponível em: [manual_atendimento_vitimas_violencia_saude_publica_DF_\(1\).pdf](https://www.saude.ce.gov.br/2023/08/28/upas-hospitais-regionais-atendimento-mulheres-vitimas-violencia/). Acesso em: 22 out. 2024.

COUTINHO, Natália. **Definição de Violência contra a Mulher - Portal da Mulher - TJSE**. 31 maio 2016. Disponível em: <https://www.tjse.jus.br/portaldamulher/definicao-de-violencia-contra-a-mulher>. Acesso em: 17 set. 2024.

DATASENADO divulga pesquisa de violência contra a mulher nos estados e no DF. **Da Agência Senado**, fevereiro 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/02/28/datasetado-divulga-pesquisa-de-violencia-contra-a-mulher-nos-estados-e-no-df>. Acesso em: 18 set. 2024.

HOSPITAIS Regionais e UPAs oferecem atendimento a mulheres vítimas de violência. Agosto de 2023. Disponível em: <https://www.saude.ce.gov.br/2023/08/28/upas-hospitais-regionais-atendimento-mulheres-vitimas-violencia/>. Acesso em: 20 set. 2024.

<https://observe.ufba.br/violencia>

HUÇULAK, Márcia et al, Protocolo para atendimento às pessoas em situação de violência sexual. **Secretaria de saúde do estado do Paraná**, n. 7, p. 01-36. 2017.

Disponível em:

https://www.saude.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2020-04/protocolo_apsvs_ultimaversao.pdf. Acesso em: 17 set. 2024.

INSTITUTO Maria da Penha - **IMP**. 2023. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/>. Acesso em: 17 set. 2024.

PRADO, Lígia D'arc Silva Rocha. Violência contra a mulher: contribuições e limitações do sistema de informação. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, n. 2, p. 01-15, jun. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/RwsXGcKYbrYjZbwWLhsStLN/?lang=pt>. Acesso em: 17 set. 2024.

SAÚDE, Ministério da, Mulheres vítimas de violência encontram acolhimento nos hospitais da Rede Ebserh. Maio 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/comunicacao/noticias/mulheres-vitimas-de-violencia-encontram-acolhimento-nos-hospitais-da-rede-ebserh>. Acesso em: 20 set. 2024.

SECRETARIA Nacional de Políticas para mulheres. **República Federativa do Brasil**. n. 22, p. 01-35, 2020. Disponível em: [Cartilhaenfrentamento_QRCODE1.pdf](#). Acesso em: 22 out. 2024.

SILVA, Ione Botelho Farias da et al. Assistência de enfermagem às mulheres vítimas de violência sexual. **Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos - UNICEPLAC Curso de Enfermagem**, n. 5, p. 01-22, 2021. Disponível em: [UNICEPLAC: Assistência de enfermagem às mulheres vítimas de violência sexual](#). Acesso em: 17 set. 2024.

Violência doméstica, sexual e/ou outras violências - Sinan. **TABNET Win32 3.3**: 2023. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sinannet/violencia/bases/violebrnet.def>. Acesso em: 18 set. 2024.

Vira lei obrigação de notificar casos de violência contra a mulher em 24 horas. **Agência Senado**, novembro de 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/12/11/vira-lei-obrigacao-de-notificar-casos-de-violencia-contra-a-mulher-em-24-horas>. Acesso em: 17 set. 2024.

FORMAS de violência contra a mulher - **Portal CNJ**. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/programas-e-acoas/violencia-contra-a-mulher/formas-de-violencia-contra-a-mulher/>. Acesso em: 18 set. 2024.

14 APÊNDICES

APÊNDICE A: Questionário aplicado.

PTCC - Violência Contra a Mulher

B *I* U  

Olá, somos o grupo de alunos do 3º módulo de Enfermagem da Etec Adolpho Berezin e estamos realizando um questionário de pesquisa totalmente **anônima** para nosso TCC sobre o tema "Violência Contra a Mulher", e gostaríamos que respondesse a partir de seus conhecimentos sobre o assunto e com sinceridade.

1- O que fazer se a mulher não quiser fazer uma denúncia? *

- Respeitar sua vontade.
- Fazer a denúncia mesmo assim.

2- A mulher nega que foi agredida e relata que apenas caiu da escada. Como profissional, você levaria em consideração o relato da paciente ou os sinais apresentados? *

- Levaria em consideração apenas o seu depoimento.
- Levaria em consideração também os sinais apresentados.

3- A cliente chega na UPA com equimose na face, costelas e edemas em MMSS, alegando que escorregou da escada, porém está acompanhada de seu filho de 4 anos que a contradiz, afirmando que a mãe apanhou de seu pai. Qual seria a sua conduta? *

- Realizar o atendimento apenas focando nos sinais e sintomas, ignorando o relato da criança.
- Questionar a cliente sobre o que aconteceu antes de prestar o atendimento.
- Realizar o atendimento de forma acolhedora e notificar seu superior sobre a suspeita de agressão.
- Não realizar o atendimento, pois acredita que a cliente está mentindo.

Fonte: Dos próprios autores, 2024.

APÊNDICE B: Divulgação do Questionário.

#responda #responda #responda #responda #responda
#responda #responda



Questionário
*TCC - Violência
Contra a Mulher*



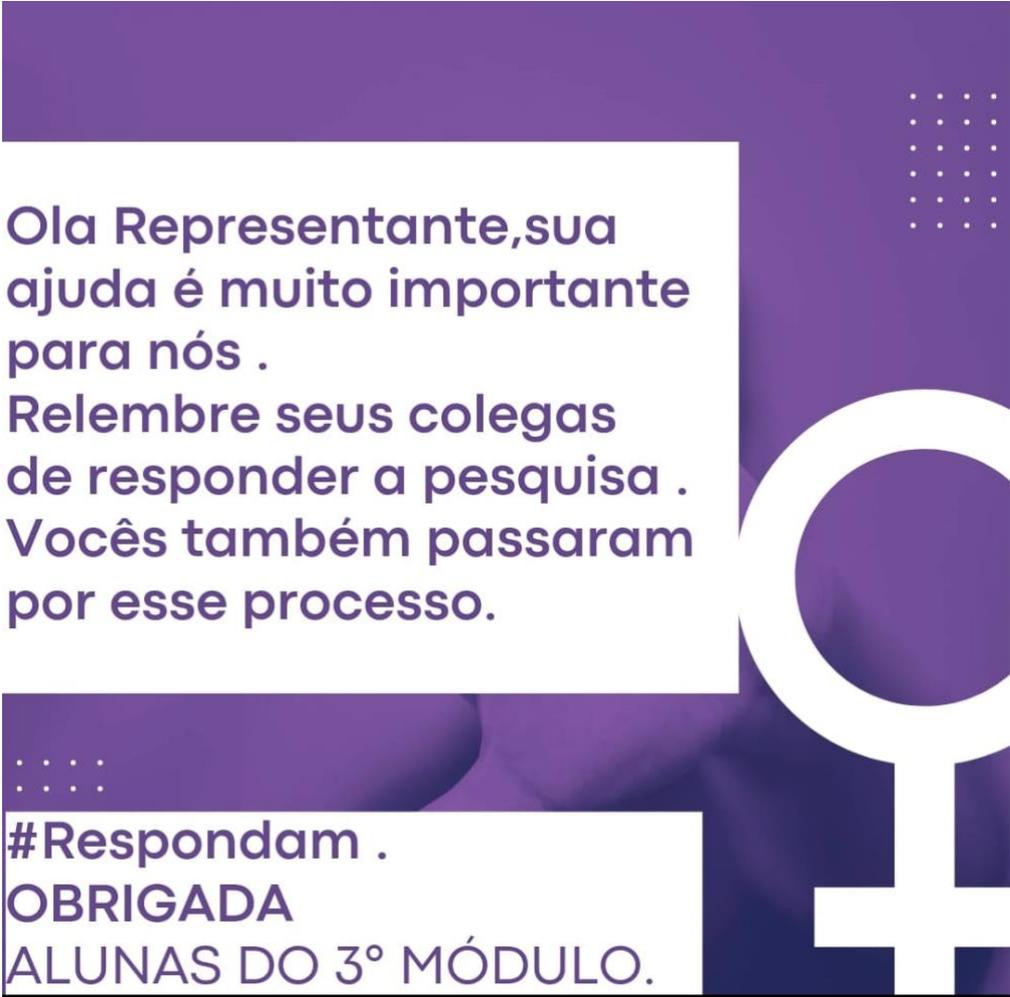
<https://forms.gle/BErY3r5nYRupgUHn8>

O Acolhimento da Enfermagem com a Vítima de Violência

Responda de forma anônima e com
sinceridade!

Fonte: Dos próprios autores, 2024.

APÊNDICE C: Reforço do questionário com os representantes.



Ola Representante, sua ajuda é muito importante para nós .
Relembre seus colegas de responder a pesquisa .
Vocês também passaram por esse processo.

.....
#Respondam .
OBRIGADA
ALUNAS DO 3º MÓDULO.

Fonte: Dos próprios autores, 2024.

APÊNDICE D: Reforço do questionário.



Fonte: Dos próprios autores, 2024.

APÊNDICE E: Aplicação do questionário.



Fonte: Dos próprios autores, 2024.

APÊNDICE F: Entrevista com as vítimas.



Fonte: Dos próprios autores, 2024.

APÊNDICE G: Entrevista com a Investigadora.



Fonte: Dos próprios autores, 2024.

APÊNDICE H: Palestra Delegada Dr. Izabela Coelho.



Fonte: Dos próprios autores, 2025.

APÊNDICE I: Palestra Delegada Dr. Izabela Coelho;



Fonte: Dos próprios autores, 2025.

APÊNDICE J: Cartilha.



Fonte: Dos próprios autores, 2025.

APÊNDICE K: Roda de conversa 1º módulo;



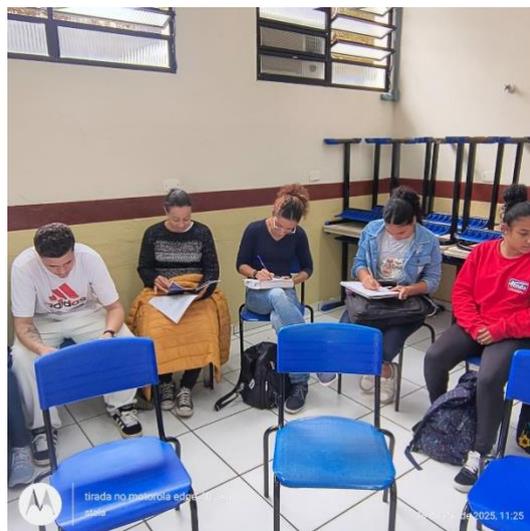
Fonte: Dos próprios autores, 2025.

APÊNDICE L: Roda de Conversa 2º módulo;



Fonte: Dos próprios autores, 2025.

APÊNDICE M: Roda de Conversa 3º módulo



Fonte: Dos próprios autores, 2025.

APÊNDICE N: Roda de conversa 4º módulo



Fonte: Dos próprios autores, 2025.

